Lição 6: Refutação da opinião de Platão sobre o movimento desordenado antes do mundo

580. Após refutar a opinião de Demócrito e Leucipo sobre os movimentos dos corpos naturais, o Filósofo aqui refuta a opinião de Platão sobre o mesmo assunto. Primeiro com argumentos;

Em segundo lugar, com o dito de outros filósofos, que parecem ter tido melhor percepção sobre este assunto, em 585. 581. Quanto ao primeiro, ele apresenta quatro argumentos, com respeito ao primeiro dos quais ele diz [433] que a mesma impossibilidade que acontece a Demócrito e Leucipo deve ocorrer novamente, se alguém postular que antes de o mundo ser feito os elementos dos quais ele é formado estavam sendo movidos com um movimento desordenado, como Platão escreve no Timeu, narrando que, antes de o mundo ser feito por Deus, a matéria flutuava sem ordem. Que a mesma impossibilidade ocorre quando isso é postulado, ele prova acrescentando que o movimento desordenado pelo qual os elementos estavam sendo movidos era ou violento ou segundo a natureza. Se violento, somos levados de volta à primeira posição: portanto, a mesma impossibilidade ocorre. Mas se o movimento fosse segundo a natureza, então estamos contradizendo nossa suposição. Pois assume-se que o mundo ainda não existia, enquanto, se os elementos estivessem sendo movidos segundo a natureza, então é necessário dizer que o mundo já existia, se alguém deseja considerar atentamente. Pois, uma vez que todo movimento, mesmo segundo Platão, é reduzido a um primeiro motor como sua causa, então, se os elementos estavam de alguma forma movidos, deve-se dizer que o primeiro motor estava se movendo a si mesmo segundo a natureza. Por primeiro motor entende-se aqui, não o primeiro motor absolutamente, que é totalmente imóvel, como é provado na Física VIII e na Metafísica XII, mas o primeiro motor no gênero dos motores naturais, i.e., aquele que move a si mesmo e é composto de motor e movido, como foi provado na Física VIII. Mas se seguirmos outra leitura, a saber, "o primeiro motor deve mover o (primeiro) movido segundo a natureza", então isso se refere ao primeiro motor movendo absolutamente, que é totalmente imóvel, que move o primeiro móvel. Mas não importa como "primeiro motor" seja entendido, ele deve mover segundo a natureza, pois não é possível que o que é contra a natureza preceda o que é segundo a natureza, como fica claro pelas premissas. Ora, se o primeiro motor move naturalmente, necessariamente os corpos que seguem o movimento do primeiro motor não estão sendo movidos por violência nem repousam por violência em seus lugares apropriados, mas mantêm a mesma ordem que agora prevalece, i.e., tal que os corpos pesados caem para o meio e ali repousam, mas os corpos leves são levados do meio para cima e permanecem no alto. Mas esta é a situação do mundo como agora é; segue-se, portanto, que o

mundo teria existido antes de vir a existir. Não é sólido, portanto, postular que os elementos, antes de o mundo vir a ser, estavam sendo movidos segundo a natureza, mas segundo a violência. E assim segue-se a mesma impossibilidade que para Demócrito e Leucipo. 582. O segundo argumento ele apresenta em [434] e, em certo sentido, leva à mesma coisa que o primeiro, a saber, que o mundo existiria antes de vir a ser. Mas o primeiro argumento chegou a essa conclusão considerando os corpos simples; o presente argumento conclui isso considerando os corpos mistos (pois a disposição de ambos surge na constituição do mundo. Ele diz, portanto: Se os elementos, antes de o mundo ser feito, estivessem sendo movidos ao acaso, alguém pode perguntar se os elementos assim movidos eram capazes de ser misturados em tais misturas que resultariam corpos naturais como carne e ossos e assim por diante. Se alguém declarar isso impossível, segue-se que os elementos não estavam em movimento totalmente desordenado, pois, a saber, eles não poderiam ser movidos por quaisquer movimentos. Pois Empédocles, ao postular que os elementos são movidos pela amizade, disse que tais corpos eram formados pelo movimento produzido pela amizade, de tal maneira, a saber, que pelo simples movimento dos elementos pela amizade, para um era gerada carne, para outro, osso, para outro uma cabeça, para outro, mãos. Ele disse ainda que, como resultado de tal combinação de elementos através da amizade, muitas cabeças foram produzidas sem pescoço. Se, portanto, é sustentado que era impossível para essas coisas serem produzidas, então os elementos não eram movidos totalmente sem ordem. Mas se fosse possível para estas serem produzidas, então a disposição do mundo já estava completa, não apenas em relação aos corpos simples, mas também aos corpos mistos. - Deve-se notar que a geração de cabeças sem pescoços é, segundo Empédocles, causada pela amizade não em termos de um produto final de sua atividade, mas como parte do processo pelo qual ela gradualmente reduz os muitos a um, constituindo corpos mistos a partir dos elementos. 583. O terceiro argumento ele estabelece em [435]. Não é dirigido absolutamente contra Platão, mas em combinação com as opiniões de Demócrito e Leucipo, que sustentavam que corpos indivisíveis infinitos estão sendo movidos no espaço infinito. Ele diz, portanto, que se aqueles que postulam corpos infinitos sendo movidos no espaço infinito aceitam a posição de Platão de que antes do mundo os elementos estavam em movimento ao acaso, uma impossibilidade se seguiria. Pois ou todos aqueles corpos infinitos estariam sendo movidos por um motor (i.e., segundo a espécie, e.g., por peso ou leveza), ou por uma infinitude de motores. Se por um, então eles teriam que ser movidos por um tipo de movimento local, por exemplo, por movimento para cima ou para baixo. Consequentemente, eles não estariam em movimento ao acaso, uma vez que já há uma certa ordem no fato de que todas as coisas estão sendo movidas para o mesmo lugar. Mas se houvesse uma infinitude de princípios, todos especificamente diferentes, seguir-se-ia que as espécies de movimento também seriam infinitas. Mas isso é impossível, segundo as coisas anteriormente estabelecidas, nas quais foi mostrado que as espécies de movimento não são infinitas e indeterminadas. Da mesma forma, o mesmo deve ser dito se os princípios dos movimentos são finitos e os próprios movimentos finitos - pois, se houvesse espécies finitas de movimento, causadas por princípios finitos, já estaria implicada nelas uma certa ordem. Pois a desordem dos movimentos não surge do fato de que nem todos os corpos estão sendo movidos para o mesmo lugar, o que é para haver várias espécies de movimento, uma vez que mesmo agora, quando, com o mundo existindo, há um movimento ordenado dos corpos, nem todos os corpos estão sendo movidos para um único e mesmo lugar, mas apenas aqueles que são do mesmo gênero, como todos os corpos pesados para baixo. Ele acrescenta, portanto, por este argumento que é necessário postular movimentos infinitos se antes de o mundo ser feito os corpos estavam sendo movidos ao acaso. 584. Ele estabelece o quarto argumento em [436] e mostra que a posição em questão se contradiz. Pois existir em desordem nada mais é do que existir contra a natureza. Nas coisas sensíveis, parece que a ordem é sua

natureza própria, uma vez que, a saber, através de sua natureza própria cada uma delas está inclinada a algo definido. Mas esta inclinação é a ordem discernida nas coisas sensíveis - pois diz-se que as coisas agem ou se movem de forma desordenada quando isso acontece contrariamente à inclinação da natureza própria de uma coisa. Disto também parece que é impróprio e impossível para uma coisa sensível ter um movimento desordenado que seja "infinito", i.e., que perdure por um tempo infinito, porque, como foi dito, um movimento desordenado é um movimento contrário à natureza. Ora, parece que pertence à natureza de cada coisa que ela seja encontrada em muitos membros do mesmo gênero e na maioria das vezes. Pois o que é encontrado em apenas alguns homens não se diz natural ao homem - por exemplo, ser ambidestro; nem o que é verdadeiro para alguns por apenas um curto tempo - por exemplo, ter febre. Mas o natural é aquilo que é encontrado no maior número e mais frequentemente. Consequentemente, os platônicos vêm a assumir dois contrários ao mesmo tempo, a saber, que o movimento desordenado é segundo a natureza, uma vez que existiu por um tempo infinito antes do mundo, e que o movimento ordenado, bem como o mundo constituído após a ordenação do movimento, são contrários à natureza, uma vez que existiram por um tempo mais curto, mesmo que nada segundo a natureza seja "como acontece", i.e., sem uma ordem definida. Deve-se notar que os argumentos de Aristóteles vão diretamente contra a posição de Platão, se as palavras deste último significam que houve um movimento desordenado dos elementos antes do tempo em que o mundo foi feito. Mas os adeptos de Platão dizem que não foi isso que ele entendeu, mas que toda ordem no movimento das coisas sensíveis vem do primeiro princípio, de modo que outras coisas, consideradas em si mesmas, fora da influência do primeiro princípio, são desordenadas. E de acordo com isso, Aristóteles não está aqui objetando contra o sentido de Platão, mas contra as palavras dos platônicos, para que não levem alguém ao erro. 585. Então em [437] ele usa o dito de outros filósofos para refutar a posição em questão, porque eles parecem ter tido uma melhor compreensão da matéria. Sobre isso, deve-se notar que Demócrito e Leucipo, bem como Platão, parecem ter mantido duas coisas em relação aos corpos existentes antes do mundo: que eles estão em movimento, e que eles estão segregados. Quanto ao primeiro, portanto, ele diz que, com relação à constituição do mundo, Anaxágoras parece ter intuído bem. Pois ele postulou que o mundo começou a partir de corpos não previamente movidos. E isso é mais razoável do que dizer que o mundo foi feito a partir de corpos previamente movidos, porque o movimento é um certo ato de uma coisa existente em potência e, consequentemente, é intermediário entre a primeira potência e o primeiro ato. Mas nas coisas que estão sendo trazidas à existência, o começo é tomado a partir do que está inteiramente em potência. Portanto, é mais razoável moldar o início do mundo a partir de coisas totalmente não em movimento do que de coisas movidas. Quanto ao segundo, ele diz que mesmo aqueles outros filósofos que, ao postular o início do mundo, "reuniram-se até certo ponto" (i.e., dizendo que antes de o mundo vir a ser, todas as coisas estavam até certo ponto reunidas em um) tentaram explicar como as coisas seriam então colocadas em movimento e separadas, na fundação do mundo, como fizeram Anaxágoras e também Empédocles. Pois não é razoável produzir a geração do mundo a partir de coisas previamente distantes e em movimento. Pois assim como o movimento é um certo ato, também a distinção, ou distância, entre as coisas resulta de suas formas próprias, segundo as quais as coisas estão em ato (pois na medida em que as coisas estão em potência, elas não são distintas); e uma vez que a geração estritamente vem a ser a partir do que está em potência, não é, portanto, razoável gerar o mundo a partir de coisas distintas e movidas. Por esta razão, Empédocles, ao explicar a primeira geração do mundo, não fez menção da amizade cuja função é reunir o disperso. Pois Empédocles não poderia explicar a constituição do "céu", i.e., do mundo, pela amizade, de tal maneira a constituí-lo a partir de coisas previamente separadas, fazendo uma reunião do

previamente disperso. Pois então seguir-se-ia que o mundo foi constituído de coisas previamente dispersas, o que é contra o que foi dito anteriormente. Portanto, porque ele usou apenas a discórdia na constituição do mundo, e o papel da discórdia é dispersar o reunido, a consequência é que o mundo, segundo ele, veio de algo uno e reunido a partir de muitas coisas. Finalmente, em resumo, ele conclui (C438) que é evidente do que foi dito que há para cada corpo um certo movimento natural pelo qual ele é movido nem por violência nem contra sua natureza.

Revision #2
Created 29 September 2026 23:42:42 by Admin
Updated 2 October 2026 00:13:51 by Admin